

# A vida consagrada e a missão aos povos

## 1º Congresso Missionário Interinstitucional

de Estevão Raschiatti, sx

Cerca de 250 religiosas e religiosos que trabalham no Brasil, representantes de 70 institutos missionários, participaram do 1º Congresso Missionário Interinstitucional que foi realizado em São Paulo, no Centro Educativo La Salle, de 21 a 23 de abril. Objetivo do evento foi animar a vida dos institutos e das congregações missionárias para que possam delinear metas para uma nova ética e para projetos comuns de ação e animação missionária na Igreja no Brasil.

Os participantes foram convidados a refletir e a debater sobre a releitura do Decreto Ad Gentes após 40 anos do Vaticano II e seus desdobramentos para a vida consagrada. O congresso contou com a assessoria de Pe. Paulo Suess e Pe. Edênio Valle, e com a presença do bispo presidente da Comissão para a Ação Missionária da CNBB, Dom Sérgio Castriani, da presidente da CRB, Ir. Maris Bolzan, do Diretor das Pontifícias Obras Missionárias, Pe. Daniel Lagni e do Diretor do Centro Cultural Missionário, Pe. Guido Labonté.

O congresso foi animado por orações multiculturais, celebrações missionárias, conferências de aprofundamento, grupos de reflexão e testemunhos além-fronteiras. Várias missionárias e missionários brasileiros que trabalharam durante décadas em países da África e Ásia tiveram a possibilidade de transmitir um pouco de sua experiência e do significado desta para a Igreja no Brasil.

### A memória do Vaticano II

Contudo, a primeira tarefa foi resgatar a memória do Concílio Vaticano II, seu contexto, sua inspiração, suas instâncias, suas inovações, seus textos. O intuito não era o de uma celebração saudosista. Ao contrário, a memória do Concílio diz respeito a um compromisso essencial e profético dos cristãos diante do mundo de hoje. Afinal, foi com o Vaticano II que a igreja católica inaugurou uma época de *transição* de uma cristandade fechada e autocomplacente para uma igreja *mundial e missionária*.

O debate conciliar sobre a missão foi revelador. O confronto entre as tendências teológicas dentro da Igreja produziu o surgimento de um novo conceito de missão, eixo de uma nova maneira de entender a Igreja e todas suas atividades.

Antes do Concílio, a missão era uma empresa eminentemente eclesial, dirigida por especialistas (os institutos missionários), que se identificava com a conversão dos pagãos e da implantação da Igreja. Tinha muito a ver com o ir além-fronteiras para estabelecer uma civilização cristã. As “missões” constituíam “territórios”, principalmente do ponto de vista jurídico.

Com a reflexão conciliar, a missão deixa de ser considerada um “território” para ser transformada no “coração” da vida da Igreja.

### O legado do Vaticano II

“A Igreja é por sua natureza missionária”. Toda atividade eclesial é evangelizadora. Todos os batizados são missionários. Esses parecem serem os lemas do Vaticano II. A missão não é, antes de tudo, um “território pagão”, mas é uma iniciativa de Deus-Trindade que transborda sua essência e inunda o mundo do amor que o constitui, na missão do Filho e do Espírito.

O Reino de Deus torna-se a grande meta da missão. É uma meta maior do que a Igreja: é uma meta sem fronteira porque quer abraçar toda a humanidade para convocá-la ao encontro definitivo com Deus. Desta maneira a humanidade é chamada a tornar-se Povo de Deus, um povo que se constitui a partir dos pobres, dos pequenos, dos excluídos. Esses não são apenas os

destinatários da missão: eles se tornam protagonistas que lutam para que o Reino venha para todos, e não somente para alguns.

A missão, portanto, compreende-se como militância por um mundo integralmente melhor, em cada contexto e no seu conjunto. A missão é sempre e unicamente anúncio de Cristo, da ressurreição e da vida, em defesa da vida em todas as suas dimensões, no dom da vida contra o mal, no diálogo paciente, na presença silenciosa, no testemunho, na contemplação, na ação, na caridade, na misericórdia, na justiça.

### **A Vida Consagrada e a dimensão universal da missão**

A vida consagrada, que até então foi aquela que na Igreja carregou em seus ombros a difícil tarefa da “missão estrangeira”, foi aos poucos incorporando as inovações teológicas conciliares em sua visão e em sua prática missionária. Emergiram, nesse contexto a co-responsabilidade com a Igreja local, o caráter fundamental do diálogo e a profecia como marcas definidoras do testemunho de fé, a inculturação, a causa da justiça, paz e integridade da criação como constitutiva da missão, a opção pelos pobres, a solidariedade com os oprimidos. Elemento alimentador de toda essa mudança de paradigma foi a capacidade de escutar a Palavra de Deus e o que o Espírito está dizendo a nós e às Igrejas.

A vida consagrada não pode se recolher para dentro de si mesma. O seu serviço missionário *ad gentes*, tradicionalmente entendido em sentido geográfico de ir aos territórios pagãos, é chamado hoje a estender-se igualmente por todas as latitudes e contextos, num mundo sem fronteiras, através de um amplo, aberto e multi-facetado diálogo com todos os povos, religiões e tradições que o Espírito de Deus semeou ao longo de séculos e milênios em nossa terra e no coração de nossas gentes. Precisa que a vida consagrada, com o olhar contemplativo e com a dedicação gratuita aos outros que sempre a caracterizaram, saiba reconhecer sempre mais a ação de Deus na vida das pessoas, denunciar o mal ainda presente estruturalmente na sociedade moderna e pós-moderna e anunciar a paz no mundo inteiro, no reconhecimento da dignidade de todas as pessoas e na prática assídua da fraternidade (cf. GS 78). Por isso o grito: “gentes, vamos às gentes!”

### **Animação missionária**

Na conclusão, foi compilada uma síntese temática de uma “nova ética missionária” e uma série de propostas-compromisso para animar a Igreja no Brasil nesta dimensão universal da Missão em resposta aos apelos das instâncias presentes no Congresso. A equipe executiva do Conselho Missionário Nacional fez-se voz das exigências que esperam dos consagrados e das consagradas uma resposta mais decidida no âmbito de uma maior atuação nos meios de comunicação, de uma formação missionária mais incisiva nos seminários e nas escolas teológicas, de uma animação mais vibrante e universal nas liturgias e nas pastorais, de uma cooperação mais efetiva com os projetos e as frentes além-fronteiras e de uma articulação mais eficaz entre instituições no que diz respeito a criar um espaço comum de partilha, reflexão e ação.

Se depender da resposta e da avaliação entusiasta dos participantes desse congresso a dimensão universal da missão terá sem dúvida mais lugar e reconhecimento tanto na vida consagrada como na caminhada missionária de todas as igrejas no Brasil e do mundo.

Coincidentemente, o 1º Congresso Missionário Interinstitucional foi um dos primeiros eventos significativos da Igreja no Brasil a poucos dias da eleição do papa Bento XVI. Os congressistas fizeram votos que esse pontificado seja marcado por uma retomada decidida do espírito do Concílio Vaticano II no ano em que se celebram os 40 anos de sua conclusão. O Concílio foi um evento eminentemente universal e missionário, que teve como lema as próprias palavras do Evangelho de Mateus: “Ide e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,19).